

## Habitação Abstrações e Realidades

Para conhecer o discutido problema da habitação é preciso, entre outros cuidados, não se deixar enredar pela abstração dos números, das fórmulas, das projeções, etc.

É necessário, também, que se tenha sensibilidade em dose suficientemente grande para ver e compreender claramente certos fatos. Perceber, por exemplo, a razão porque muita gente preferiu — e ainda prefere — ficar na favela a ter que se mudar para algum lugar como a Vila Kennedy.

O tema da moradia nesses quatro anos de vigência do Plano Nacional de Habitação, nada perdeu de sua dramática atualidade e agudeza. Pelo contrário, é muito provável que ele hoje se apresente com muito mais substância em termos de consciência pública e oficial do que na época em que os arquitetos, pioneiramente, iniciaram seu debate com a denúncia da grave carência de moradias que atingia já ponderáveis parcelas da população brasileira.

É verdade que nos faltava, então, ao lado da enunciação teórica do problema, a vivência da realização prática e objetiva, indispensável a qualquer tentativa de avaliação realmente válida.

A atuação do Banco Nacional de Habitação BNH, órgão líder do sistema montado para enfrentar a crise da moradia, proporcionou um aumento na oferta de moradias e, por sua ação em si mesma, isto é através do seu fazer, lançou luz sobre um terreno no qual só se distinguiam as sombras quase sempre disformes da especulação imobiliária e do não menos agressivo e crescente contorno das favelas. As duas sombras marcaram, obviamente, com a predominância da primeira, os programas inicialmente tentados para conjuração do problema.

A crítica das primeiras realizações do BNH e o exame daquilo que delas resultou permitiram não só aos arquitetos como àqueles que oficialmente enfrentavam a crise, a oportunidade de melhor

conhecer suas reais proporções, suas inúmeras facetas, particularidades e implicações. Dêste aprofundamento na natureza do problema emergiram constatações que confirmavam as enunciações anteriores. Entre estas, merece destaque a que afirmava ser impossível equacionar o problema através de um só ângulo, ou pouco mais do que isso.

Considerá-lo assim, quase que exclusivamente a partir dos aspectos financeiros significaria assumir o risco de distorcê-lo e deformá-lo até os perigosos limites da abstração. Reduzir a solução do problema habitacional a uma operação de multiplicar, escamoteando tudo aquilo que naturalmente decorre da aglomeração, justaposição ou superposição de casas era outra das abstrações a que se entregaram muitos que tinham do problema apenas uma visão superficial.

Ocorre que nesta aparentemente singela e simplista agregação se escondia um outro problema, ou o verdadeiro problema como tantas vezes afirmaram os arquitetos — o da crescente expansão urbana. Na realidade, o único problema verdadeiramente de habitação, em termos amplos, foi finalmente, e em boa hora, reconhecido o ano passado pelas autoridades encarregadas do equacionamento da questão de moradia.

Pela primeira vez o pensamento oficial passou a considerar não somente a casa ou a soma delas, mas a cidade. Este fato, dos mais auspiciosos de 1968 implica numa importante mudança de escala — a passagem da escala da casa para a escala da cidade, que a contém e lhe dá significação de **habitat humano**.

Agora, talvez, seja mais fácil entender porque muitos preferem a favela a Vila Kennedy. A favela, a aglomeração sub-normal, com todas as inconveniências que apressadamente sobre ela são lançadas, constitui uma formação de caráter para-urbano, isto é, a única resposta que o homem que inicia uma penosa experiência urbana, encontra a seu alcance.